

## PALCOS E CIRCOS

## "A ESCOLA DE MARIDOS"

Há um tipo de personalidade bem característica no atual teatro brasileiro: o "bolsista". Tendo feito a sua formação em Paris, Londres ou Nova York, por intermédio de bolsas de estudos, frequentemente não consegue mais se adaptar às condições do nosso meio, guardando a nostalgia secreta de outras terras e outros teatros, mais ricos e felizes, onde tudo é bom e fácil e perfeito. Sabem tudo, conhecem tudo, compreendem tudo — e não fazem nada. Estão "bolsilizados", para empregar uma expressão pitoresca de Maria Clara Machado.

José Renato percorreu caminho muito diverso. Pode, mesmo, ser considerado um autodidata, não obstante o curso da Escola de Arte Dramática, porque quatro anos passados numa escola não representam, para um encenador, mais do que um humilde ponto de partida, a ser completado, na prática, por outros tipos de experiência, viagens de estudo ou trabalho, ao lado de encenadores mais velhos. Nada disto fez José Renato. Muito cedo, talvez até antes de estar plenamente preparado, assumiu a direção total de uma companhia, com toda a complexa gama de deveres e funções, artísticas e comerciais, que o cargo encerra: além das tarefas próprias da encenação, escolha de repertório, seleção de elenco, de técnicos e artistas auxiliares (como figurinistas) etc. Duas ou três vezes, no espaço reduzido de um ano, perdeu os seus melhores atores, arrastados por contratos mais vantajosos pela televisão, pelo cinema, por outras companhias, e outras tantas vezes refex obstinadamente o elenco, recorrendo corajosamente aos jovens e aos amadores. A sua técnica, ele a aprendeu principalmente consigo mesmo, à custa dos próprios erros, trabalhando e "retrabalhando" os atores. Daí a sua capacidade de realização, de fazer tudo sozinho, de erguer um espetáculo a partir de elementos inexperientes, qua tem em grau maior do que qualquer outro encenador brasileiro da sua idade e geração. Mas daí, também, uma certa insuficiência de amadurecimento estético geral. José Renato executa bem o que concebe, porém nem sempre sabe compreender, situar com perfeição, um autor ou uma peça, não por falta de inteligência e de sensibilidade, mas apenas porque ainda não teve tempo de ler e de ver suficientemente teatro, único ponto em que deve invejar algo aos "bolsistas".

"A Escola de Maridos", por exemplo, espetáculo que comemora o primeiro aniversário do Teatro de Arena, revela as qualidades e as imperfeições dos diretores feitos, sobretudo, pela prática. Ninguém discutirá a imaginação com que a comédia de Molière foi montada, a abundância de invenções mímicas, de jogos de cena que acompanham e completam o desenvolvimento do enredo. É uma encenação rica, conscienciosa, engenhosa, trabalhada, cheia de achados realmente felizes, procurando integrar ao máximo interpretes e espectadores no mesmo quadro íntimo do Teatro de Arena. Os figurantes, personagens secundárias e acessórias da história, formam uma espécie de elo, de passagem, entre os atores e o público. Sentam-se ao nosso lado, quando não estão em cena, riem, reagem, aplaudem, antes acentuando do que disfarçando o caráter francamente não realista, de jogo, de cerimônia coletiva e ludrica, dada à

interpretação, e que tão bem se presta aos clássicos. O defeito, aqui, estaria talvez no excesso, como na pantomima inicial, que peca por encher em demasia o pequeno palco do Teatro de Arena, estabelecendo certa confusão, não deixando o espectador perceber com clareza o que se está passando, o desenho geral da ação. Cinco ou seis jogos de cena simultâneos costumam dizer menos, exprimir menos, do que um só por menor perfeitamente delineado e realizado.

Mas as falhas principais do espetáculo referem-se à maneira de compreender o texto de Molière. Assim, a interpretação de Aristo, imaginado por José Renato como um tolo, um fútil, um precioso. Ora, Aristo, ao contrário, é a voz do bom-senso, a personagem que expressa o pensamento de Molière, desempenhando, em face de Sganarello, a mesma função moderadora de Philinte junto a Alceste, em "Le Misanthrope". Sem esta tese, digamos assim, este lado positivo e favorável, esta conclusão de sabedoria caseira e cotidiana a que Molière quer chegar, toda a comédia perde o seu ponto de equilíbrio, não se compreende mais o desenlace, a preferência de Leonor por Aristo, em contraste com os embustes praticados por Isabel contra Sganarello: entre dois tolos, diversos apenas pelo gênero de tolice, não há o que escolher. Cada personagem, não há dúvida, possui certa latitude, certa margem de interpretação — mas eis exatamente uma interpretação que está fora de qualquer limite razoável porque fere o próprio sentido moral e intelectual da obra.

Com o rebaixamento de Aristo, é toda a estrutura da peça que sofre, descendo de nível, passando de comédia à farsa, como, de fato, passou. Duas eram as perguntas que atormentavam Molière ao escrever "A Escola de Maridos": sob que condições pode uma peça de menos de vinte anos aceitar e desejar o casamento com um homem já maduro? O que vale mais, para um marido cioso da dignidade do seu lar: vigiar constantemente ou ter confiança na esposa? Nenhuma das duas questões era trivial ou acadêmica: basta lembrar que Molière, perto dos quarenta, se preparava para desporar Armande Béjart, que tinha dezessete. E' neste pé, portanto, que devemos colocar "A Escola de Maridos", não como farsa inconsequente, uma sucessão ligeira de cabriolas, à maneira italiana das primeiras peças do autor, mas como um debate eterno entre dois pontos de vista: o ponto de vista liberal, tolerante, e o autoritário e conservador.

A dificuldade com Molière está em que não há um Molière e sim quatro ou cinco, desde o autor de "Le Medecin Volant", de "Les Fourberies de Scapin", de "Le Medecin Malgré Lui", até o de "Le Misanthrope", "L'Avare" e "D. Juan". José Renato, insistindo na mímica, na graça popular, fácil e pesada, encenou um dos Molière mas não, talvez, exatamente, o Molière de "A Escola de Maridos" — o teórico da educação feminina, o homem menos interessado, momentaneamente, nos jogos do corpo do que na dialética do espírito.